

## DIVERSIDADE CULTURAL E RELIGIOSA E OS DESAFIOS PARA UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Celso Gabatz\*

### RESUMO

O presente artigo objetiva refletir sobre a diversidade religiosa e cultural no contexto brasileiro enquanto desafio para uma educação inclusiva. Para tanto, se buscou uma abordagem crítica de natureza teórica subsidiada qualitativamente por dados que tinham como finalidade a argumentação explicativa. Os resultados apontam que a diversidade religiosa advinda da elaboração cultural sempre esteve presente na história da humanidade, como uma forma de questionar o sentido da vida e da transcendência em relação às questões vitais que preocupam os seres humanos. Ressalta ainda que o reconhecimento da diversidade cultural e religiosa significa a garantia da liberdade de expressão. É na escola através do seu grupo de educadores/as e educandos/as que deve ser desencadeado o processo de respeito para com o diferente, com o propósito de fomentar o diálogo e a tolerância a todos os cidadãos e cidadãs, indistintamente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Diversidade Religiosa. Educação. Tolerância. Alteridade. Respeito.

### ABSTRACT

This paper aims at reflecting on the religious and cultural diversity in the Brazilian context as a challenge for inclusive education. Thus, it sought to take a critical approach of a theoretical nature, qualitatively supported by data with the aim of explicative reasoning using the hypothetical-deductive method. The results show that religious diversity arising from cultural elaboration has always been present in human history, as a way of questioning the meaning of life and transcendence in relation to the vital issues of human concern. It further states that the recognition of cultural and religious diversity means a guarantee of freedom of expression. It is in the school, through its group of educators and students, that the process of respect for differences should be fostered, with the aim of promoting dialogue and tolerance for all citizens, without distinction.

**KEYWORDS:** Religious Diversity. Education. Tolerance. Otherness. Respect.

Desde os tempos mais remotos, o ser humano tem buscando respostas para os grandes enigmas da sua própria existência. Não são poucas as tentativas para

---

\* Celso Gabatz, Graduado em Teologia pela Escola Superior de Teologia; Bacharelado e Licenciatura em Sociologia pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul; Mestrando em História pela Universidade de Passo Fundo. Bolsista da Universidade de Passo Fundo. Email: [gabatz@uol.com.br](mailto:gabatz@uol.com.br).

melhor compreender o sentido da vida e os caminhos intangíveis relacionados com a morte. É preciso observar que ao longo da história a sociedade vem articulando diferentes concepções sobre a vida e o mundo. Em cada um dos seus percursos - ciência, filosofia, religião, surgem incomensuráveis alternativas elucidativas.

Especialmente no âmbito da diversidade religiosa, a humanidade construiu e continua construindo infinitas respostas para o dilema da criação e da própria existência. Decorre deste processo sistêmico uma diversidade de concepções sobre a figura divina enquanto fonte e sentido maior de toda a criação.

Sendo assim, o presente trabalho irá esboçar o sentido da religiosidade, abordando a questão da intolerância e dos conflitos, bem como os temas referentes à religiosidade e educação para a tolerância, a diversidade cultural e os desafios para a educação inclusiva e, por fim, uma pretende encaminhar uma análise do fundamentalismo e o respeito à alteridade.

## RELIGIÃO, INTOLERÂNCIA E CONFLITOS

*Se quisermos um mundo de paz e justiça,  
Devemos colocar decididamente a  
Inteligência a serviço do amor.*

Antoine de Saint-Éxupéry

A palavra Religião vem do latim *re-ligare*, significando voltar a ligar, ligar outra vez, ou simplesmente religar os seres humanos com Deus.<sup>1</sup> Em outras palavras, compreende um conjunto de crenças, doutrinas ou formas de pensamento relacionadas com a esfera divina, sagrada e transcendental, além de estar amparada em rituais e códigos morais.<sup>2</sup>

Apesar de poder observar muitas diferenças contextuais, ha algo comum a todas as formas de expressão religiosa. Todas se orientam a partir de uma

---

<sup>1</sup> GLASENAPP, Helmuth von. *Die Fünf Weltreligionen*. München: Eugen Diederichs Verlag, 1996, p. 9.

<sup>2</sup> É possível observar outros significados para esta palavra. Santo Agostinho, no século IV, afirmou que o termo derivava de *religere*, ou seja, significava a religação do ser humano a Deus, do qual havia se separado. Já no século V, o pensador Macróbio fala de religio, que significaria aquilo que havia sido deixado pelos antepassados. Em contextos como os da sociedade hinduísta, usa-se o termo *rita* para designar a ordem cósmica com a qual os seres deveriam estar em harmonia. No budismo, significa uma lei divina e eterna. (WILGES, Irineu. *Cultura Religiosa: As Religiões do Mundo*. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 9-19)

compreensão de fé. Uma ideia de confiança, persuasão, convicção em uma verdade, mesmo sem evidências físicas concretas. Por outro lado, há pessoas que nos tempos atuais se autoproclamam -“sem religião”, mas que, mesmo assim, tem dúvidas sobre a religiosidade ou praticam uma religiosidade alicerçada em propósitos e não numa conduta tipificada na fé, Para ser mais preciso, poderíamos identificá-las como pessoas que seguem conceitos como o ateísmo, agnosticismo, animismo, magismo, etc.<sup>3</sup>

Ao longo da caminhada da humanidade, não raras vezes, a convivência da espécie humana e dos seus diferentes grupos sociais, nem sempre foi pacífica. A intolerância tem sido manifestada de forma contundente em relação ao gênero, as etnias, de geração, orientação sexual, padrões físicos e estéticos, e também, de crença religiosa.<sup>4</sup> Aliás, a intolerância religiosa pode até causar espanto para a maioria dos que vivem num país como o Brasil, onde notadamente, se percebe uma relativa equidade e tolerância religiosa, mas é sempre importante observar que inúmeros conflitos e incontáveis guerras foram e ainda continuam sendo travadas em nome de uma determinada crença religiosa. Este é um problema complexo, pois estes confrontos não são motivados de forma exclusiva por determinadas premissas religiosas, mas a estas se somam razões de ordem econômica, social, política, cultural, entre outras.<sup>5</sup>

Os exemplos de conflitos religiosos podem ser exaustivamente percebidos, na mídia, cotidianamente. São os conflitos entre judeus e cristãos, entre islâmicos e cristãos, entre protestantes e católicos. Se observarmos atentamente, é possível vislumbrar que a configuração histórica, enquanto nação brasileira deriva de uma imposição do cristianismo ou do catolicismo sobre os indígenas da América e os negros trazidos à força do continente africano para aqui servirem como escravos.<sup>6</sup> Hoje, alguns dos mais propalados casos de intolerância e discriminação em nossa sociedade deveriam ser medidos por estas nuances históricas que nos consolidaram como nação brasileira.

---

<sup>3</sup> BRAKEMEIER, Gottfried. *O Ser Humano em Busca de Identidade – Contribuições para uma antropologia teológica*. São Leopoldo: Sinodal, 2002, p. 191- 220.

<sup>4</sup> GUARESCHI, Pedrinho; SILVA, Michele Reis da. *BULLYING – Mais Sério do que se Imagina*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

<sup>5</sup> WILGES, 1985, p. 177-186.

<sup>6</sup> WITT, Osmar Luiz. *Igreja na Migração e Colonização*. São Leopoldo: Sinodal, 1996, p. 9-10.

É preciso lembrar sempre que a intolerância religiosa se expressa em pequenos conflitos cotidianos, quando se desqualifica pessoas por não pensarem do mesmo modo de quem as desqualifica<sup>7</sup>; ou quando se destroem locais de culto ou símbolos de religiões consideradas adversárias, inimigas, incorretas. Pior ainda quando o indivíduo se arroga o direito de qualificar a crença alheia de forma depreciativa se valendo de uma terminologia autoritária, como por exemplo, seita, pagão, não cristão, sem Deus.

Observando os principais dilemas suscitados pela intolerância religiosa, o filósofo Voltaire, certa vez afirmou que: “É verdade que esses horrores absurdos não mancham todos os dias a face da terra; mas foram frequentes, e com eles facilmente se faria um volume bem mais grosso do que os Evangelhos que os reprovam”.<sup>8</sup>

Neste aspecto, cabe uma atenção especial para que se possa delinear uma reflexão profícua no sentido de melhor entender as diferentes concepções conceituais em relação a uma Fonte Criadora do Universo e que se encontra vinculada a algo grandioso, incomensurável e que gera a vida. É, pois, preciso perguntar se pela religião os indivíduos almejam concretizar uma busca espiritual que lhes garanta harmonia social, familiar e interior. Como poderiam então, em nome de Deus, discriminar, ofender, agredir e até matar? Qual o elemento norteador para justificar a violência contra os seus semelhantes? De onde procederia a autoridade moral para agir dessa maneira?

É preciso sublinhar que mesmo nas mais diversas correntes religiosas, há sempre uma convicção linear de uma redução existencial humana enquanto instrumento de bondade, solidariedade, justiça, perdão, amor. A intolerância de qualquer natureza, para com o Outro, sempre haverá de gerar discriminação, preconceito, conflitos, violência, e em casos mais extremos, a guerra. Eduardo Galeano observa esta perspectiva de forma poética brilhantemente.

Cada pessoa brilha com luz própria no meio de todas as demais. Não há dois fogos iguais. Há fogos grandes, fogos pequenos e fogos de todas as cores. Há pessoas de fogo sereno, que nem percebe o vento, e gente de fogo louco, que enche o ar de chispas. Alguns fogos, fogos bobos, não

<sup>7</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2001, p. 193-230.

<sup>8</sup> VOLTAIRE. *Tratado sobre a Tolerância*. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p. 127.

iluminam nem queimam; mas outros incendeiam a vida com tamanha vontade que é impossível olhar para eles sem pestanejar, e quem se aproxima se incendeia.<sup>9</sup>

A tolerância religiosa supõe o direito de cada um realizar a sua escolha religiosa.<sup>10</sup> Supõe a garantia do direito a diversidade e a possibilidade de um mundo menos conflituoso e multi facetado. O desconhecimento de possíveis afinidades e o pouco empenho em perpetuar exemplos de convivência fraterna e pacífica é uma consequência decorrente da arrogância de poucos que se arbitram o direito de manipular verdades essenciais à sobrevivência humana neste mundo globalizado e carente de condutas que visem uma convivência harmoniosa dos seus cidadãos e cidadãs.

## RELIGIOSIDADE E EDUCAÇÃO PARA A TOLERÂNCIA

*Dá mais força saber-se amado do que saber-se forte.*  
Goethe

O Brasil já teve uma religião oficial – o Catolicismo. Até a proclamação da República, em 1889, somente eram permitidos templos com torres, sinos e cruz, em igrejas católico-romanas. Em grande medida o próprio clero fazia parte do corpo de funcionários do Estado. Os seguidores de outras denominações religiosas sofriam discriminação e somente podiam realizar seus atos religiosos em particular, no espaço privado, e jamais em lugares públicos. Com o advento da República, o Brasil se torna um Estado laico, ou seja, deixa de ter uma religião oficial e se separa da institucionalmente da Igreja.<sup>11</sup>

---

<sup>9</sup> GALEANO, Eduardo. *O Livro dos Abraços*. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2008, p. 13.

<sup>10</sup> O sentido desta tolerância pode ser enfatizado a partir de uma concepção de “Ecumenismo”. No mundo grego, ecumenismo significava “terra habitada”, e tinha o sentido de “povo civilizado”, de cultura aberta, tanto numa perspectiva geográfica, como civilizatória. Com as conquistas do império romano, o termo ganha uma conotação política. Já no cristianismo, a palavra é utilizada enquanto obra ou vontade de Deus, tornada possível mediante a colaboração humana. No Brasil e no mundo existem vários organismos de natureza ecumênica. O mais importante, no Brasil, é o Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (CONIC), fundado em 1982. Na América Latina, existe o Conselho Latino Americano de Igrejas (CLAI) criado em 1978, reunindo hoje 150 diferentes igrejas. No âmbito global, destaca-se o Conselho Mundial de Igrejas (CMI), fundado em Amsterdã em 1948, contando hoje com mais de 350 igrejas num total de mais de 500 milhões de fiéis (WOLFF, Elias. *Caminhos do Ecumenismo no Brasil – História, Teologia, Pastoral*. São Paulo: Paulus, 2002).

<sup>11</sup> DREHER, Martin. *História do Povo Luterano*. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p.49-53.

A Constituição Brasileira de 1988 instituiu como direito e dever individual e também coletivo que todos os cidadãos e cidadãs seriam iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, com direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade. De igual forma, sugere no seu artigo quinto que “é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias”.<sup>12</sup>

Portanto, a leitura dos dispositivos constitucionais brasileiros assegura a liberdade de culto e estabelece que nenhuma pessoa pode ser discriminada por motivo de qualquer natureza, incluído-se o aspecto da religião. Preserva-se, desta forma, o direito subjetivo de consciência, tanto para professar quanto para não aderir a determinado credo religioso. Nesta mesma direção a lei também assegura o respeito e tolerância e a diversidade cultural e religiosa do país, sendo vedado, na escola, qualquer forma que configure uma convicção proselitista.<sup>13</sup>

Sabe-se que a execução dos princípios de tolerância e respeito à diversidade não é algo simples e nem fácil, ainda mais em uma sociedade como a brasileira na qual os exemplos de intolerâncias e desrespeito às diversidades culturais e humanas são tão frequentes. No entanto, se o propósito é o de construir um mundo de tolerância e harmonia humana, será imprescindível que na escola sejam viabilizadas atitudes que permitam compreender as diferentes compreensões religiosas enquanto fenômenos presentes no desenrolar dos acontecimentos da humanidade em diversas culturas e tradições que se encontram vinculadas a uma identidade.<sup>14</sup>

Outro aspecto importante será o de que a escola tenha a preocupação em conhecer as diversas expressões religiosas para que o educando e a educanda conheçam as suas próprias crenças e consigam situá-las em relação a outras, tendo como diretriz o convívio respeitoso com aquilo que lhe é contextualmente e historicamente diferente.

---

<sup>12</sup> BRASIL. *Constituição Federal*. Brasília, Gráfica do Senado, 1988, Art. 5, VI.

<sup>13</sup> SENA, Luzia. (Org) *Ensino Religioso e Formação Docente*. São Paulo: Paulinas, 2006. p.21-44.

<sup>14</sup> RATEKE, Deisi; BRAGAGNOLO, Regina Ingrid. *Contexto & Educação Teoria da Complexidade: Um Olhar multidisciplinar*. Ijuí: Editora UNIJUI, 2005, p. 89-99.

Cabe ainda engajar-se pela construção de uma convivência fraterna<sup>15</sup> mediante o desenrolar do diálogo ecumênico e inter-religioso, em que o respeito às diferenças se encontre vinculado a um compromisso moral e ético para suscitar preceitos de justiça, amor e paz.

## A DIVERSIDADE CULTURAL E OS DESAFIOS PARA A EDUCAÇÃO INCLUSIVA

*O maior dom que podemos fazer ao próximo  
Não é compartilhar com ele nossas riquezas,  
Mas levá-lo a descobrir as suas.*  
Benjamin Disraeli

A diversidade cultural sempre esteve presente na história da constituição da sociedade humana. Com a evolução e o desenvolvimento tecnológico ocorreu um processo histórico de colonização da África, da América e da Ásia, principiando o processo de imposição do etnocentrismo, e com ele, uma relativa homogeneização cultural. Neste processo, é importante destacar que a educação escolar exerceu uma influência fundamental e decisiva no sentido de ter a função de difundir e consolidar uma cultura comum, de base ocidental e eurocêntrica.

Para Geertz<sup>16</sup> o ser humano está amarrado a teias de significados num contexto em que vive e interage com os seus semelhantes. Ele entende que a cultura é um emaranhado complexo de elementos sempre carregados de significados que se manifestam em forma de sinais, signos, símbolos, rituais, códigos. Caberia ao sujeito, portanto, interpretá-los e decifrá-los a partir de um referencial teórico, ressaltando que cada cultura pode ter múltiplos significados, dependendo da leitura que é realizada pelo sujeito. De acordo com Hall,

Os seres humanos são seres interpretativos, instituidores de sentido. A ação social é significativa tanto para aqueles que a praticam quanto para os que a observam: não em si mesma, mas em razão dos muitos e variados sistemas de significado que os seres humanos utilizam para definir o que significam as coisas e para codificar, organizar e regular sua conduta uns em relação aos outros. Estes sistemas ou códigos de significado dão sentido às nossas ações. Eles nos permitem interpretar significativamente as ações alheias. Tomados em seu conjunto, eles constituem nossas "culturas". Contribuem para assegurar que toda ação social é "cultural", que todas as práticas sociais expressam ou comunicam um significado e, neste sentido, são práticas de significação.<sup>17</sup>

<sup>15</sup> FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

<sup>16</sup> GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

<sup>17</sup> HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, vol. 22, n. 2, jul./dez. 1997, p. 18.

Assim, é possível perceber que a cultura diz respeito às vivências concretas dos sujeitos de uma determinada cultura e que por meio dela, estipulam regras, convencionam valores e significações que possibilitam a comunicação dos indivíduos e dos grupos. Cada cultura tem a sua forma de conceber o mundo. E essa cultura, é construída de forma particular ao longo do processo histórico e social.<sup>18</sup> Por isso, os seres humanos são o resultado do meio cultural em que foram socializados e refletem o conhecimento e as experiências adquiridas pelas gerações que os antecederam.

As diferenças de cada cultura são explicadas pela história cultural de cada grupo. E, a partir desse pensamento, não há lugar para discriminação e nem hierarquização de valores e princípios, porque as culturas não podem ser comparadas, hierarquizadas, pois são peculiares.<sup>19</sup> A cultura expressa diferentes linguagens, as diferenças de vestir, comer, acreditar, celebrar, rezar, relacionar-se com o outro de outro modo e de simbolizar esta diferença. Podemos afirmar que é possível existir semelhanças culturais, mas jamais culturas idênticas. Conforme acentua a Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural no seu artigo primeiro:

A cultura adquire formas diversas através do tempo e do espaço. Essa diversidade se manifesta na originalidade e na pluralidade de identidades que caracterizam os grupos e as sociedades que compõem a humanidade. Fonte de intercâmbios, de inovação e de criatividade, a diversidade cultural é, para o gênero humano tão necessária como o é a diversidade biológica para a natureza. Nesse sentido, constitui o patrimônio comum da humanidade e deve ser reconhecida e consolidada em benefício das gerações presentes e futuras.<sup>20</sup>

É nesse universo complexo que a escola é chamada a ajudar o educando a compreender a dinâmica cultural na humanidade, para assim, ao conhecê-la, poder exercer a sua cidadania, como pessoa integrada, responsável e atuante no meio em que vive. Essa formação possibilitará a interação com o fenômeno religioso que mostra a condição humana imersa na fragilidade e na incompletude vivencial.

---

<sup>18</sup> ESCLARÍN, Antonio Pérez. *Educar para Humanizar*. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 55-94.

<sup>19</sup> MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, 2002.

<sup>20</sup> Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO. *Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural*. Paris, 2002.

## FUNDAMENTALISMO RELIGIOSO E RESPEITO À ALTERIDADE

*Todo ser humano é um peregrino do Absoluto.  
Excetando Deus, nada nos sacia.  
E como Deus habita na profundidade do amor,  
Sondamos em busca de consolos ilusórios,  
Incorrendo na ambição que nos faz confundir as coisas.*  
Frei Betto

Ao longo da história do Brasil, na qual a colonização se fez presente, a escravidão e o autoritarismo contribuíram para o sentimento de inferioridade de grupos de pessoas. A ideologia da degeneração dos mestiços, o ideal de branqueamento e o mito da democracia racial foram os mecanismos de dominação ideológica poderosa e que permanecem ainda no imaginário social e dificultam a equidade.<sup>21</sup>

O historiador luterano Martin Dreher avalia que é importante lembrar que a modernidade se caracteriza pelo surgimento de esperanças e promessas de redenção para uma humanidade cada vez mais carente de sentido.

A emancipação de Deus levou a uma maior exploração do humano. A emancipação da mulher levou a que ela pudesse ser mais facilmente explorada no mercado de trabalho e no consumismo sexista (...). Num mundo em que a autoridade desmorona, o fundamentalista se sabe abrigado por uma autoridade que escapa à dúvida, à problematização e à dissolução modernas (...). O fundamentalista experimenta a sociedade que o cerca em decadência moral e anômica, sem lei e sem normas (...). Com isso o fundamentalismo se torna convidativo e atraente para uma parcela significativa da humanidade, pois oferece segurança em meio a verdades que se desvanecem, porto seguro em meio a pluralidades, a relativizações e dissoluções das certezas antigas.<sup>22</sup>

O fenômeno religioso faz parte da cultura humana, e, portanto, cada religião é peculiar, por expressar diferentes linguagens, diferentes formas de acreditar, de

<sup>21</sup> Gilberto Freyre foi um dos pioneiros do “mito da democracia racial” apregoando que existiria, no Brasil, a igualdade de oportunidades para brancos, negros e mestiços. A disseminação desse mito permitiu esconder desigualdades raciais, que ainda podem ser constatadas nas práticas discriminatórias de acesso ao emprego, nas dificuldades de mobilidade social da população negra e que recebe remuneração inferior à do branco pelo mesmo trabalho e tendo a mesma qualificação profissional. A falta de conflitos étnicos não caracteriza ausência de discriminação, mas este silêncio favorece o “status quo” que, por sua vez, beneficia a classe dominante. (FREYRE, Gilberto. *Interpretação do Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 2001).

<sup>22</sup> DREHER, Martin N. *Para Entender o Fundamentalismo*. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2002, p. 88-90.

celebrar, de se relacionar com a alteridade e de simbolizar de formas diferentes esses fenômenos religiosos vivenciados pelos membros de cada cultura. É a partir deste pano de fundo que na sociedade brasileira, estão presentes inúmeras formas de expressão religiosa, advindas desta diversidade cultural que nos constitui como uma nação *sui generis*. O grande desafio continua sendo o conhecimento e o respeito ao outro de acordo com a sua especificidade.

A diversidade religiosa brasileira não produz guerras, “(...) o preconceito existe e se manifesta pela humilhação imposta àquele que é diferente, outras vezes o preconceito se manifesta pela violência”.<sup>23</sup> É neste contexto que pode ser verificado que as atitudes de rejeição e exclusão de alguns grupos em relação a outros geralmente ocorre porque os indivíduos não conseguem aprender a ver as culturas diferentes das suas, e, para tanto, julgam a partir do seu ponto de vista, desconhecendo o outro “(...) a priori, pré-estabelecido antes de análise, estudo e reflexão. O medo do diferente, discriminações socialmente propagadas e opiniões distorcidas podem formar em nossa mente julgamentos apressados e rigidez de pensamento”.<sup>24</sup>

Torna-se primordial rever o saber escolar e também investir na formação do educador e da educadora, possibilitando-lhe uma formação teórica diferenciada da eurocêntrica. O currículo monocultural até hoje divulgado deveria ser revisado e a escola assumir o compromisso de suscitar o diálogo com as diferentes culturas e reconhecer o pluralismo cultural brasileiro.

Talvez pensar o multiculturalismo fosse um dos caminhos para combater os preconceitos e discriminações ligados à etnia, gênero, deficiência, idade e cultura, constituindo assim uma nova ideologia para uma sociedade como a brasileira que é composta por diversas etnias, nas quais as características identitárias, como cor da pele, modo de falar, diversidade religiosa, são definidoras de mobilidade e posição social na nossa sociedade. Cabe, pois, observar as especificidades das diferenças e vê-las no plano da coletividade.

---

<sup>23</sup> Iniciativa das Religiões Unidas de Curitiba - URI. *Diversidade religiosa e direitos humanos*. Curitiba: Gráfica da Assembleia Legislativa do Estado do Paraná, 2007, p. 4.

<sup>24</sup> INCONTRI, Dora, BIGHETO, Alessandro César. *Ensino Religioso sem Proselitismo. É Possível?* São Paulo: Mandruvá, 2005, p. 4.

Pensar numa escola que perceba e motive os seus a pensar na perspectiva de uma educação inclusiva é sobre tudo, questionar o cotidiano escolar, compreender e respeitar o jeito de ser do outro e assumir que a nossa sociedade é multicultural. Se a educação se encontra centrada na dominação cultural de um grupo ou de uma corrente ideológica fundamentalista, será preciso perceber o multiculturalismo<sup>25</sup> como o caminho para reconhecer a alteridade e o direito à diferença dos grupos que se sentem excluídos do processo social.

A diferença religiosa não pode, nem deve ser justificativa possível para apoiar qualquer ação de violência ou perseguição, pois o indivíduo possui antropologicamente e legalmente uma constituição humana pautada na ideia ilimitada de liberdade, recebida tanto pelos que não crêem, quanto por aqueles que crêem num Ser Superior, conforme uma determinada concepção teológica.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A diversidade religiosa advinda da elaboração cultural, sempre esteve presente na história da humanidade, como uma forma de questionar sobre o sentido da vida e da transcendência em relação às questões vitais que demandaram preocupação aos seres humanos. Nesta perspectiva, percebemos de forma explícita, que cada construção religiosa também assume diferentes formas de acreditar, de celebrar, de relacionar-se com o outro, além de constituir uma simbologia que lhe permita evocar diferentes experiências religiosas em cada época e cultura.

É importante que se entabulem espaços de diálogo respeitoso e solidário entre as diferentes experiências religiosas de modo a enriquecer a convivência humana. Mas para tanto, é necessário que os cidadãos sejam sensibilizados por meio da educação nas escolas para olhar a alteridade, reconhecendo o universo religioso e admitindo que todas as formas encontram-se permeadas por valores que podem ser constitutivos de uma sociedade mais solidária, fraterna e humana.

---

<sup>25</sup> MADERS, Angelita Maria; ANGELIN, Rosângela. *Multiculturalismo em Foco*. Santo Ângelo: FuRI, 2010.

Parece-nos que o melhor antídoto para vencer o preconceito é o conhecimento. A escola enquanto espaço de educação inclusiva pode contribuir para que os cidadãos iniciem o caminho do aprendizado em busca da aceitação das diferenças, na medida em que comecem a ler, a pensar e refletir sobre as diferentes tradições culturais, sociais e religiosas, presentes na sociedade. É preciso, pois, dialogar para que educadores e educandos se moldem a uma pedagogia multicultural comprometida com o conhecimento da diversidade social brasileira e global.

É essencial existir a formação continuada dos educadores a partir da perspectiva da diversidade cultural, voltada para o domínio dos conteúdos, das metodologias e da sensibilidade. Com uma preocupação em relação à dimensão política, assemelhada à “amorosidade” no sentido atribuído por Paulo Freire, que a identifica com o conjunto de atitudes de alguém que opta por trabalhar *com e pelas* minorias.

(...) o ato de amor está em comprometer-se com sua causa. A causa da libertação. Mas este compromisso, porque amoroso, é dialógico (...). Como ato de valentia, não pode ser piegas, como ato de liberdade não pode ser pretexto de manipulação, senão gerador de outros atos de liberdade. A não ser assim, não é amor. Somente com a supressão da situação opressora é possível restaurar o amor que nela estava proibido. Se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não me é possível o diálogo.<sup>26</sup>

A escola é o espaço onde talvez se encontre a maior diversidade cultural e também por conta disto, poderá ser um ambiente muito discriminador. Desta forma, o ideal de trabalhar as diferenças é um desafio para todos os educadores, na medida em que se entabulam como mediadores de um determinado conhecimento, como facilitadores do processo de ensino e aprendizagem.

A escola sempre será reprodutora do conhecimento segundo as regras e os modelos que forem seguidos internamente. O educador e a educadora, por sua vez, por serem detentores de um saber crítico, poderão questionar valores e partilhar um conhecimento que seja alinhado com os valores universais constitutivos de uma sociedade melhor e mais harmoniosa para todos os seus cidadãos e cidadãs. Cabe-lhe esta tarefa insubstituível. Criar condições e promover diálogo, a troca e a

---

<sup>26</sup> FREIRE, 2002, p. 80.

complementação benéfica para todos, superando a hierarquização e a valorização unilateral, encaminhando a busca da fraternidade universal.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2001.

BRAKEMEIER, Gottfried. *O Ser Humano em Busca de Identidade – Contribuições para uma antropologia teológica*. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

BRASIL. *Constituição Federal*. Brasília, Gráfica do Senado, 1988.

DREHER, Martin N. *Para Entender o Fundamentalismo*. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2002.

\_\_\_\_\_. *História do Povo Luterano*. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

ESCLARÍN, Antonio Pérez. *Educar para Humanizar*. São Paulo: Paulinas, 2006.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREYRE, Gilberto. *Interpretação do Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

GALEANO, Eduardo. *O Livro dos Abraços*. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2008.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GLASENAPP, Helmuth Von. *Die Fünf Weltreligionen*. München: Eugen Diederichs Verlag, 1996.

GUARESCHI, Pedrinho; SILVA, Michele Reis da. *BULLYING – Mais Sério do que se Imagina*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação & Realidade*. v. 22, nº 2, jul./dez. Porto Alegre, UFRGS, 1997.

INCONTRI, Dora, BIGHETO, Alessandro César. *Ensino Religioso sem Proselitismo. É Possível?* São Paulo: Mandruvá, 2005.

INICIATIVA DAS RELIGIÕES UNIDAS DE CURITIBA - URI. *Diversidade religiosa e direitos humanos*. Curitiba: Gráfica da Assembleia Legislativa do Estado do Paraná, 2007.

MADERS, Angelita Maria; ANGELIN, Rosângela. *Multiculturalismo em Foco*. Santo Ângelo: FuRI, 2010.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, 2002.

Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO. *Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural*. Paris, 2002.

VOLTAIRE. *Tratado sobre a Tolerância*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

RATEKE, Deisi; BRAGAGNOLO, Regina Ingrid. *Contexto & Educação Teoria da Complexidade: Um Olhar multidisciplinar*. Ijuí: Editora UNIJUI, 2005.

SENA, Luzia. (Org) *Ensino Religioso e Formação Docente*. São Paulo: Paulinas, 2006.

WITT, Osmar Luiz. *Igreja na Migração e Colonização*. São Leopoldo: Sinodal, 1996.

WILGES, Irineu. *Cultura Religiosa: As Religiões do Mundo*. Petrópolis: Vozes, 1985.

WOLFF, Elias. *Caminhos do Ecumenismo no Brasil – História, Teologia, Pastoral*. São Paulo: Paulus, 2002.